



De dentro para fora... *O outro como reflexo de mim*

O relacionamento com o outro -que por vezes é chamado de semelhante, substantivo que aqui cabe muito bem- pode ser uma poderosa ferramenta para desvelarmos quem somos. Escolhemos pessoas para ser alvo do nosso desprezo ou da nossa ira. Estas podem estar sinalizando a projeção de parte de nós mesmos que recusamos, daquilo que é difícil demais para reconhecermos como nosso.

Do mesmo modo, as pessoas com as quais escolhemos nos relacionar e amar dão dicas importantes para o nosso desenvolvimento pessoal. O que mais brilha, o que nos chama atenção no outro é o que em nós está latente, mas que muitas vezes desconhecemos e por isso não temos a oportunidade de desenvolver.

O nosso semelhante desperta a projeção das nossas misérias, mas também dos nossos tesouros. Podemos tentar experimentar a consciência em relação a esse processo, principalmente quando os sentimentos que permeiam o nosso vínculo com o outro estão exacerbados. Neste momento uma pergunta deve ser feita: que parte de mim essa pessoa reflete?

A caminhada por essa casa de espelhos que é a vida pode, portanto, ser integradora, à medida nos esforçarmos para recolher faces de nós mesmos que estavam dispersas no mundo externo e, portanto, alienadas da nossa consciência.

Paula Paz



Arte na Vida *Mãe Terra*

Eu sou aquela que muito antes da vida abrigo a morte

Sou aquela cujas profundezas guardam força e imensidão

Sou a dona do cheiro da colheita do pão
E o abrigo das sementes que trazidas pelo ar,
pousam em mim

Sou mais antiga que o sopro da tua vida
E tão vermelha quanto o sangue em mim já derramado

Sou a que te alimenta e te aquece ao dormir
Sou aquela que sob teus pés produz os caminhos

E sobre os seres subterrâneos produz a escuridão

Sou esbelta quando há flores
Produzo cores, faço o mundo sorrir
Mas posso ser estranha e muito molenga

Mil minhocas em minha tenda
Um eterno desfazer e absorver
Terra, sou uma mulher como aquela que
jorrando leite, alimenta

Foi do meu ventre que tu brotaste
Feita de mim és, pois estou em ti
Terra materna
Mãe Terra



Clarissa Vargas



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Maio de 2009, nº 115



Mirella Faur

Mães Antigas Europeias

O arquétipo da Mãe Antiga foi reverenciado e cultuado ao longo de milênios nas sociedades matrifocais da Europa e sobreviveu, mesmo depois da cristianização, em lendas e costumes folclóricos da Alemanha, Suíça, Áustria, Escandinávia, Itália e países eslavos. Memórias da Deusa Anciã pré-cristã encontram-se nas tradições ligadas a um grupo de deusas menores, pouco divulgadas e cujos nomes variam entre Holda, Hölle, Huldra, Reisarova, Gurorysse e Hyrokkin na Escandinávia, Berchta, Perchta (e suas variantes Percht, Peratha, Bercht, Berta) nos países germânicos, Nicnevin e Gyre Carline na Escócia, Befana e Lucca na Itália, Perchta Baba e Baba Yaga nos países eslavos. A sua representação variava mas elas tinham em comum estas características: pele enrugada, cabelo desgrenhado, nariz pontudo ou de ferro, olhos azuis penetrantes. Suas atitudes podiam ser benévolas ou maldosas em função das suas atribuições, tais como recompensar o trabalho das mulheres, ativar a fertilidade da terra, dos homens e animais ou punir preguiça, gula, cobiça, injustiça ou maldade. Contava-se que elas apareciam sobrevoando os campos e as comunidades, cavalgando javalis, lobos ou outros animais, "dirigindo" um pilão ou uma peneira e conduzindo a "Caça Selvagem", uma cavalgada noturna e fantasmagórica, composta de elfos, fadas e espíritos humanos (desdobramentos astrais de magos e bruxas), que recolhia as almas perdidas, perturbadas ou dos recém falecidos.

As deusas anciãs se manifestavam principalmente durante os "Doze Dias Sagrados", o intervalo entre as celebrações antigas do solstício de inverno (no hemisfério Norte) correspondendo ao Sabbat celta Yule ou ao Blot nórdico Jul (transformados no Natal cristão) e a atual Epifania (a celebração pagã da "divina aparição" e dedicada na Itália à deusa Befana). As Mães antigas ensinavam à humanidade os segredos da agricultura e das artes domésticas (fiar, tecer, bordar), cuidar e educar as crianças, manter vivas as tradições ancestrais e os antigos ritos sagrados. Elas recebiam oferendas de pão, mel, leite e tranças de pão (para substituir as oferendas feitas pelas mulheres com seu próprio cabelo), do qual guardava-se uma parte para ser usada em curas e benzimentos.

No fim da Idade Média, lendas da Deusa Anciã se

espalharam do Leste ao Oeste e do Sul ao Norte da Europa, descrevendo uma anciã poderosa que sobrevoava o céu acompanhada de espíritos (dos seres falecidos e dos não nascidos). Ela era cultuada pelas mulheres - conduzidas por bruxas e curandeiras - em vários países, no topo das colinas, invocando as forças fertilizadoras e regeneradoras da terra. Aos poucos, as festas do calendário agrário pagão transformaram-se nos festivais sagrados da Roda do ano, com pessoas reunidas ao redor de fogueiras, comemorando a passagem das estações e a fartura das colheitas com cantos, danças, oferendas, jogos e procissões com máscaras. As assim chamadas "festas das bruxas" conduzidas pela "Senhoras da Noite", eram reminiscências dos antigos Sabbats celtas e Blots nórdicos, em que se realizavam



encantamentos, rituais e curas, posteriormente acrescidos com elementos dos costumes folclóricos e contos de fadas. Dos antigos festivais o mais famoso era Walpurgis Nacht alemão, o Samhain celta e festas celebrando o dia primeiro de maio (Maj Fest) comemoradas na Bavária, Suíça, Itália, Lituânia, Slovênia. Por não conseguir erradicar as tradições ancestrais locais, a igreja católica incorporou a data dos festivais no calendário cristão e manteve a proibição pagã de fiar ou tecer em certos "dias santos" (datas de antigas comemorações das deusas tecelãs), como uma imposição divina cuja transgressão levaria ao castigo (queima da mão pelo

"fogo do inferno").

Descrições de seres sobrenaturais benevolentes, que ensinavam as mulheres a fiar e tecer - tendo também um lado sombrio representado pela punição das preguiçosas e das crianças desobedientes - encontram-se em inúmeras lendas e contos de fada, principalmente nos livros dos irmãos Grimm. Estas figuras míticas cuja presença permaneceu na memória e nos costumes das mulheres alemãs, suíças e austríacas até o século 20, guardam muitas das características das antigas deusas da fertilidade e protetoras das artes femininas, cujas bençãos eram invocadas com orações, rituais e oferendas, evitando assim os seus aspectos escuros. Nas longas noites do inverno europeu, quando as mulheres se reuniam para fiar, tecer, bordar, eram compartilhados contos divertidos ou ameaçadores, que ressaltavam a punição das preguiçosas, das que descuidavam das tarefas domésticas ou maternais e das crianças rebeldes.

Próximo Mês:

Ritual de Plenilúnio

Celebração da Deusa romana Vesta

Deusa do Fogo Sagrado e padroeira dos lares, Vesta significa «coração» e seu fogo ardente representa a presença espiritual da Deusa, que ilumina, aquece e protege todos os seres.

Venha celebrar a presença brilhante da Deusa em seu coração e espalhar faíscas de amor e paz para sua vida!

07 de junho, domingo
20h, na Unipaz

Somente para mulheres

Consulte a lista de material necessário para o ritual em www.teiadethea.org

Comemoração do solstício

Festa do Sol

Há milhares de anos a humanidade festeja o «nascimento do sol» como sendo o acontecimento mais importante da Terra. Para os Incas esta celebração durava nove dias com orações, sacrifícios, oferendas, danças, cantos e muita alegria!

21 de junho, domingo
20h, na Unipaz

Aberta também para homens

Consulte a lista de material necessário para o ritual em www.teiadethea.org



Novo Grupo da Teia de Thea!

Estão abertas as inscrições para o novo grupo de estudos da tradição da Deusa e vivências de (re)conexão com a sacralidade e ritos femininos.

Mais informações em www.teiadethea.org
Inscrições somente por e-mail novogrupo@teiadethea.org

AGENDA 2009

- *07 de junho: Plenilúnio - Celebração da Deusa romana Vesta
- *21 de junho: Comemoração do solstício «Festa do Sol» - aberta para homens
- *07 de julho: Plenilúnio - Celebração da Deusa greco-romana Juno

Edição e Diagramação: Nane Silva
Revisão: Lacy Silva

Informações: Luzia - 81481650; Nane - 96779453; Andrea - 34084065
Web: www.teiadethea.org teiadethea@teiadethea.org
deusaviva@teiadethea.org

Bibliografia: O Anuário da Grande Mãe de Mirella Faur; Imagens da Internet

Como uma figura constante sobressaia-se Perchta, uma antiga deusa benevolente da Alemanha e Áustria, equiparada com as nórdicas Holda e Berchta. Com a cristianização o seu arquétipo foi distorcido, seu culto entrou em declínio e ela foi transformada em uma velha, feia e rabugenta bruxa. Nas lendas antigas contava-se que ela visitava as casas entre Natal e Epifania, deixando recompensas para as mulheres trabalhadeiras e presentes para as crianças boazinhas. Acreditava-se que o trovão era o som do seu tear e Perchta aparecia como uma mulher velha vestida de branco, que inspecionava o trabalho nos teares, a limpeza das casas, dos granários e estábulos. Enquanto ela recompensava as donas de casa trabalhadeiras e aquelas que a cultuavam e deixavam-lhe oferendas (de panquecas, mel e leite) com sorte no casamento, no nascimento dos filhos ou os segredos de como plantar e colher linho e cânhamo, ela quebrava os fusos das preguiçosas ou embarçava os fios, desmanchando o que era mal feito. As deusas anciãs Perchta, Holda e Berchta eram consideradas guardiãs dos espíritos das crianças não nascidas e por elas protegidos nos seus poços sagrados; elas atendiam os pedidos de fertilidade das mulheres recém casadas e abençoavam as futuras mães e seus partos. Depois das crianças nascerem, elas velavam seu sono, ninando-as para dormir ou as recompensavam pelo seu bom comportamento, deixando moedas e doces nas meias colocadas perto da lareira na noite de Yule (origem da lenda de Papai Noel descendo pela chaminé). Conheciam-se e também contavam-se histórias sinistras sobre as punições que elas infligiam às crianças rebeldes, cortando suas barrigas e nelas colocando feno ou lixo ou levando-as para suas grutas no famoso saco, ameaça perpetuada ao longo de gerações em diversos países. Ambas as deusas moravam no inverno nas montanhas onde fabricavam a neve, enquanto no verão permaneciam nas grutas ou fendas dos rochedos. Elas eram descritas ora como "Senhoras Brancas", com aparência luminosa (em alemão arcáico berath significa luminoso ou glorioso, que permaneceu no nome da deusa Lucina cristianizada como santa Luzia), ora como velhas grisalhas e vestidas em farrapos, levando nas costas o proverbial saco para pegar crianças. Berchta às vezes era descrita tendo um pé grande e deformado – semelhante ao de ganso ou cisne – simbolizando sua capacidade de metamorfose em animais, ou visto como a marca deixada pelo uso excessivo da roda de fiar.

A igreja cristã proibiu o culto e as oferendas das deusas anciãs - consideradas bruxas nócivas e perigosas para a alma cristã -, assim como as danças nos campos para ativar a fertilidade da terra, divulgando apenas os aspectos "demoníacos" destes costumes.

A denominação de Perchten (no plural) era dada aos acompanhantes das deusas anciãs, bem como às máscaras com feições de animais, que continuam sendo usadas até hoje em procissões e festas nas regiões montanhosas da Áustria e Suíça. Estas máscaras fazem parte dos costumes tradicionais de Natal em Salzburgo, Suíça, Tirol e Áustria, além de serem usadas como fantasias no carnaval ou decorações e enfeites para vender aos turistas nas estações de ski. No século 16 as Perchten receberam

duas apresentações: as bonitas e benévolas (Schöne Perchten) adornadas com fitas, correntes douradas, folhagens, flores e as feias, escuras (Finster Perchten) com garras, presas afiadas, chifres, peles de animais e rabos de cavalos, destinadas para afastar fantasmas e "demônios". Encenava-se um combate ritualístico entre elas, almejando a derrota da escuridão, enquanto homens vestidos como as "Perchten escuras" visitavam as casas fazendo muito barulho para afugentar os maus espíritos. As pessoas eram abençoadas com uma mistura de cinzas e farinha de milho, representando o poder de regeneração da vida após a morte. Ritualizava-se assim o triunfo da força vital e da luz sobre os poderes inferiores, do caos e da morte.

Na antiga Alemanha a Senhora Saelde ou Selga - considerada uma deusa do destino por ter uma roda de fiar e uma cornucópia - sobrevoava o céu nas Doze Noites. A deusa italiana e etrusca Befana era chamada de Marantega (Mãe antiga) e era celebrada no final dos Doze Dias, data que corresponde à atual festa cristã da Epifania. Na Sicília a sua memória permanece na figura e nos costumes de La Strega ou La Vecchia (bruxa, velha), a Anciã de outrora, que deixa até hoje presentes para as crianças boazinhas ou uma varinha e pedaços de carvão para as desobedientes na véspera de Epifania (6 de janeiro), vindo das montanhas cavalgando uma vassoura e descendo pela chaminé.

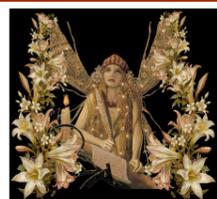
Na Rússia a deusa equivalente era BabaYaga, com dentes ou nariz de ferro, cavalgando um javali ou voando em um pilão e aparecendo nos solstícios. Apesar da sua demonização pela igreja cristã, suas máscaras eram usadas em ritos femininos da Ucrânia até o século 19, bem como continuavam as colheitas de ervas sagradas e as fogueiras de purificação a ela destinadas. Na Eslovênia sua equivalente era Perchta Baba, que aparecia rodeada de águias e serpentes – símbolos do mundo superior e inferior – e anunciava a morte de alguém, caso sobrevoasse sua casa por três vezes (lembrando as Banshee celtas, espíritos femininos de anciãs cujo choro anunciava a morte de seus familiares).

Podemos perceber em todas as lendas pagãs, bem como nos contos de fada, a presença poderosa do arquétipo da Deusa Anciã, Senhora dos ciclos, transições e transmutações, cujos significados e atributos não eram ignorados ou distorcidos, mas conhecidos e reverenciados com sabedoria e aceitação das leis inexoráveis da vida e da morte, seguidas de renovação e renascimento. Cabe a nós, mulheres seguidoras da Tradição da Deusa honrar e compreender as leis do eterno girar da Roda Cósmica e Telúrica manifestadas nos inúmeros aspectos, situações e eventos da nossa trajetória humana, vivendo plenamente e sabiamente a realidade presente e confiando na proteção e orientação divinas. ✿

Novidade no Deusa Viva!

A partir da próxima edição teremos um espaço para que você possa contar suas experiências e/ou percepções advindas da sua participação em nossos rituais.

Envie suas vivências, sugestões, críticas, dúvidas e comentários para o deusaviva@teiadethea.org



Posta-restante

Maria,

O Tempo sussurra em seu ouvido, oferecendo bênçãos que fluem de Mim, em branca névoa, até o coração de cada mulher. Pois, veja, desde sempre lhes é destinado o potencial sagrado, que as aproxima entre si e de Mim, sua fonte. Agora são horas de despertar, de perceber que os fios já estão prontos e urdidos no tear, à espera de sua dedicação. Desperte!

E que ao abrir os olhos, você descubra e mobilize a disposição criativa e a generosidade, que preenchem cada gesto empreendido em Meu nome. Que seja a Terra respeitada, com rios e florestas preservados, em reconhecimento ao direito à vida de toda criatura.

É à sua invocação que Eu atendo, seu pedido rouco de socorro, diante dessa vastidão de desencanto. Penteando meus brancos cabelos, faço brilhar novamente a luz, acordando consciências, purificando intenções. Filha amada, urge o momento de assumir a própria força, mobilizando intuição e vontade na geração e nutrição da paz dos povos. Eu

proverei solos férteis, antecipando premissas de boas colheitas, mas é necessário que o Trabalho aconteça, que seja cultivada a semente no interior de cada filha e filho Meus. Veja, Eu trago em minha sacola as promessas de renascimento. Basta que você faça o que lhe cabe, por amor e missão, que teça a tecelagem da sua própria vida, reconhecendo e honrando a existência do fio divino que enlaça, transforma e abarca em Unidade, cada indivíduo. Eu cuidarei dos brotos, zelarei dos sonhos e projetos nascituros, cobrindo-os todos com meu manto de fertilidade.

São tempos de cuidar do que se planta, honrando as bênçãos de prosperidade que aguardam a oportunidade de chegar até você. Desperte, Maria! Acorde o solo do seu coração!

Em força e coragem,
Aquele que é.



Mãe Terra

Manifesto por uma alimentação viva

Por que nossa sociedade esteriliza, sistematicamente, tudo à sua volta? De onde vem esse pavor da diversidade de vida?

Esterilizamos o solo que antes abrigava milhares e milhares de espécies de árvores, ervas, cipós, bromélias, mamíferos, insetos, répteis, bactérias, aves, fungos, incontáveis espécies de planta, bicho, microorganismo... e o solo, agora estéril, passa a abrigar somente uma, uma única espécie: soja, milho, cana-de-açúcar... não é isso um deserto? Um deserto onde antes havia abundância de vida. O solo, que antes era vivo, escuro, cheiroso, úmido; se torna seco, pálido, morto. Apenas suporte físico para que um monocultivo qualquer equilibre a balança comercial, ao invés de ser morada de milhões de espécies. Toda vida se vai com a aplicação dos "cidas": Biocidas, Inseticidas, Herbicidas, Fungicidas... destroem a vida e tornam os nossos solos estéreis. Serão nossos solos capazes de produzir vida no futuro?

Esterilizamos nossas casas compulsivamente, metodicamente. Casa brilhando e estéril. Nossas crianças cada vez mais limpinhas e... frágeis... crescendo em bolhas estéreis... Esterilizamos nossos quintais, nossos bosques, nossos jardins... não suportamos ver folhas em decomposição, adubando a terra... preferimos a visão de um solo seco, limpo, estéril. Varremos, juntamos, queimamos e impedimos que a vida continue;

junto com as folhas secas que nos incomodam tanto, varremos e queimamos as sementes que gerariam as florestas do futuro!

Esterilizamos nossos corpos. Pensamos que somos apenas uma espécie, quando somos um sistema no qual vivem muitas espécies; somos a morada de muitas espécies sem as quais não podemos viver: bactérias, fungos, vírus... que convivem conosco nos ajudando a aproveitar o alimento que ingerimos, pré-digerindo substâncias que não somos capazes de digerir sozinhos... Como sobreviverão a tantos conservantes, espessantes, corantes? Como sobreviverão aos alimentos mortos que diariamente consumimos? Esquecemos que os organismos que "estragam", emboloram, digerem esses alimentos fora de nosso corpo (o que queremos, a todo custo, evitar, fazendo com que os alimentos durem para sempre na prateleira ou na geladeira) são os mesmos que digerem o alimento dentro de nós: conservantes, inseticidas, fungicidas... destroem a vida que existe em nós, os muitos microorganismos aliados, que nos ajudam a digerir, decompor, absorver, nutrir... desenvolvemos intolerâncias, alergias, dependências...

Por isso, peço que se juntem à mim nesse Manifesto à Vida, à Diversidade, a uma Alimentação sem conservantes, sem agrotóxicos, sem industrializados mortos vários. Conclamo todas a experimentarem uma Alimentação Viva e sentirem em seus próprios corpos a diferença!

Helena Maltez